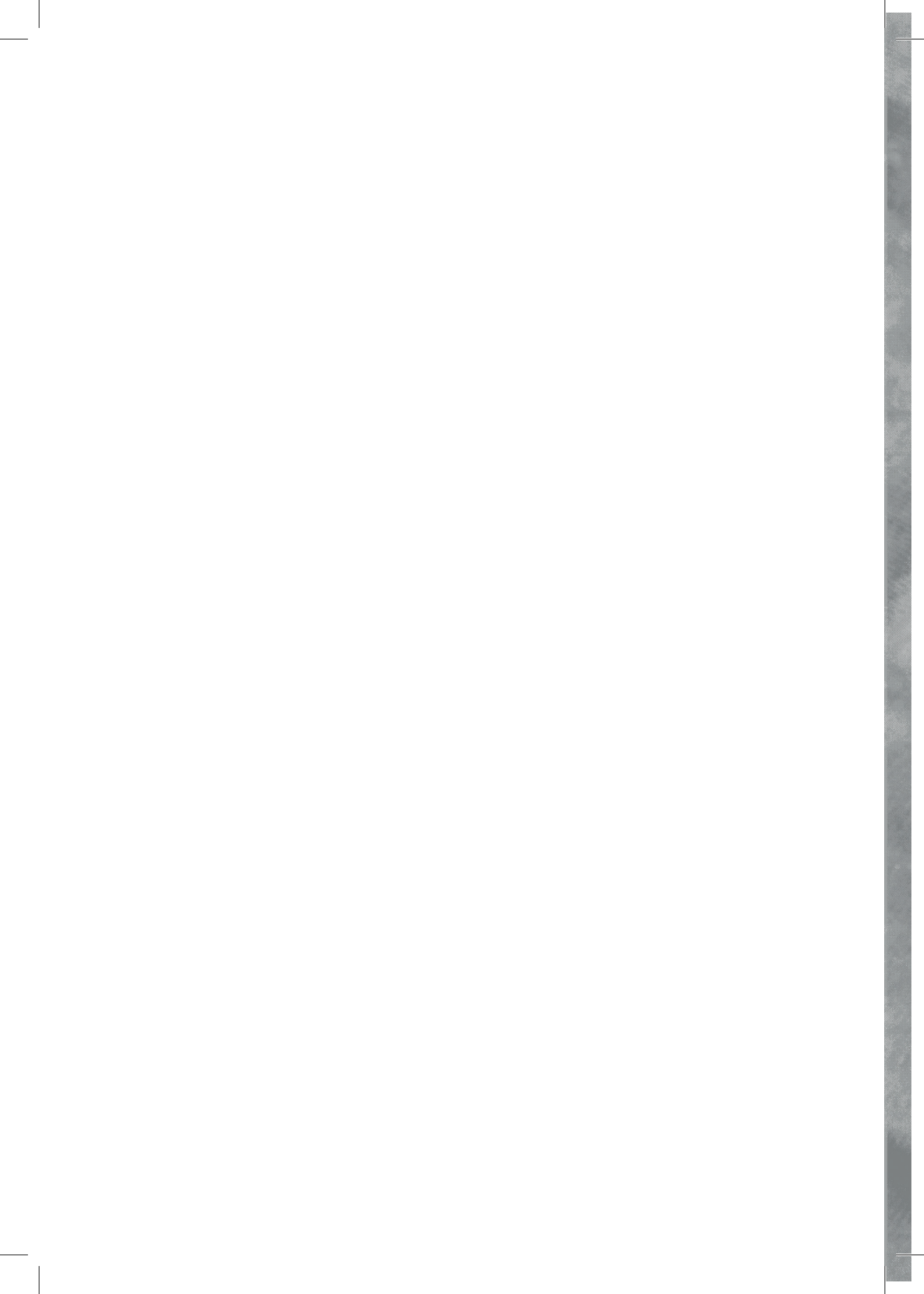


CUTUCANDO O
CU DO CÂNONE:
insubmissões
teóricas e
desobediências
epistêmicas





editora
DEVIRES

**CUTUCANDO O
CU DO CÂNONE:**
insubmissões
teóricas e
desobediências
epistêmicas

Iago Moura
Nai Monteiro
Renato Peruzzo
Rick Afonso-Rocha
(Organização)

prefácio de
Letícia Nascimento

Cutucando o cu do cânone: insubmissões teóricas e desobediências epistêmicas

Iago Moura
Nai Monteiro
Renato Gonçalves Peruzzo
Rick Afonso-Rocha
(Organizadores)

Editor: Gilmaro Nogueira
Capa, fotografia e projeto gráfico:
The Red Studio by Chris, The Red
Diagramação: Daniel Rebouças

CONSELHO EDITORIAL

| | |
|--|---|
| Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB | Prof. Dr. Leandro Colling Universidade Federal da Bahia – UFBA |
| Prof. Dr. Djalma Thürler Universidade Federal da Bahia – UFBA | Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB |
| Profa. Dra. Fran Demétrio Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB | Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ |
| Prof. Dr. Helder Thiago Maia USP - Universidade de São Paulo | Prof. Dr. Marcio Caetano Universidade Federal do Rio Grande – FURG |
| Prof. Dr. Hilan Bensusan Universidade de Brasília - UNB | Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ |
| Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ | Dr. Pablo Pérez Navarro Universidade de Coimbra - CES/Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil |
| Profa. Dra. Joana Azevedo Lima Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa | Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ |
| Prof. Dr. João Manuel de Oliveira CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa | |
| Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa Universidade Estadual da Paraíba – UEPB | |

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

C922 Cutucando o cu do cânone : insubmissões teóricas
1.ed. e desobediências epistêmicas / organizadores
Iago Moura...[et al.]. – 1.ed. – Salvador, BA : Devires, 2022.
372 p.; 16 x 23 cm.

Outros organizadores: Nai Monteiro, Renato Gonçalves
Peruzzo, Rick Afonso-Rocha.

Bibliografia.

ISBN : 978-85-93646-49-2

1. Estudos culturais. 2. Diversidade sexual. 3. Identidade de
gênero. 4. Literatura. 5. Sexualidade. I. Moura, Iago. II. Monteiro, Nai.
III. Peruzzo, Renato Gonçalves. IV. Afonso-Rocha, Rick.

12-2022/10

CDD 305.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Diversidade sexual : Relações de gênero : Sociologia 305.3
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

 Editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

Sumário

| | |
|---------------------|-----------|
| PREFÁCIO | 7 |
| APRESENTAÇÃO | 11 |

PARTE I - CÂNONE E LUTO

| | |
|---|-----------|
| OS CORPOS QUE SE FORAM E OS SONHOS QUE CONTINUAM AQUI: CHORAR A PERDA E CELEBRAR A VIDA DE QUEM AMAMOS ABAYOMI JAMILA | 21 |
|---|-----------|

PARTE II - CÂNONE E CISTEMA

| | |
|--|-----------|
| TECNOGÊNERO, SOMATÉCNICA E CORPO SEM ÓRGÃOS: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O CISTEMA EMILIA BRAZ (EME) | 37 |
|--|-----------|

| | |
|--|-----------|
| TRANSVIADAS, (IN)EXISTÊNCIA, MONSTRO: A TRANSINVENÇÃO DE UM NOVO MUNDO OU A DESTRUIÇÃO DESTA LEVI BANIDA | 49 |
|--|-----------|

| | |
|---|-----------|
| VIVA EM PLENO MAR MORTO: A COLONIZAÇÃO CISGÊNERA E A TRANSCESTRALIDADE LUCAS DANTAS | 67 |
|---|-----------|

| | |
|---|-----------|
| A EXCREÇÃO DENTRO DO CÁLCULO: A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA TRANS COMO UMA DAS FACES DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA LEOCÁDIA APARECIDA CHAVES | 77 |
|---|-----------|

| | |
|--|-----------|
| A PORRA DO GÊNERO NA HISTÓRIA! PAULO VITOR GUEDES DE SOUZA | 99 |
|--|-----------|

PARTE III - CÂNONE E CU

| | |
|--|------------|
| CAI DE CU NO MEU PINTÃO: O MÍNIMO QUE VOCÊ PRECISA SABER PARA NÃO SER UM GAY MESSIAS BOTNARO | 119 |
|--|------------|

| | |
|---|------------|
| ETRAEUCONODED: ESTE É O MEU ARROBA BRUNO ALCIONE NOVADVORSKI SCHEEREN | 127 |
|---|------------|

| | |
|--|------------|
| ENTRE O CU E A QUEER: ENRABANDO NOÇÕES E (DE)FORMANDO CONCEITOS NAI MONTEIRO | 145 |
|--|------------|

| | |
|---|------------|
| PODE UM CU BRANCO OUVIR? CHRIS, THE RED | 153 |
|---|------------|

| | |
|---|------------|
| FRANÇOIS SAGAT E O CORPO DIS(CU)RSIVO PEDRO ANÁCIO CAMARANO ANTÔNIO FERNANDES JÚNIOR | 165 |
|---|------------|

PARTE IV - CÂNONE E CORPORALIDADES GORDAS

**LEITURAS EM BUSCA DE MIM: CAMINHOS DE ENCONTRO
ÀS GORDESCRITAS** 183
LEILA CUNHA RAPOSO

**IMAGEM DE SI E GORDOFOBIA: O CORPO DA MULHER GORDA
NO ROMANCE GRÁFICO DUPLO EU** 195
CAMILA LUIZA LELIS

PARTE V - CÂNONE E CORPORALIDADES NEGRAS

**LITERATURA ABÊ BÊ: A FERRAMENTA ANCESTRAL
PARA ACESSAR E LER TONI MORRISON** 213
HILDÁLIA FERNANDES CUNHA CORDEIRO

**CIRANDA DOS PRAZERES: ECOS DA TRADIÇÃO
EM MELEDINA À RUPTURA EM RABHIA** 229
MAIANE PIRES TIGRE

PARTE VI - CÂNONE E DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA

**A COREOGRAFIA DA DESCOLONIALIDADE E A QUALIDADE
PERFORMATIVA DA ESCRITA QUEER** 247
DJALMA THÜRLER

**MANIFESTO-CONVITE PARA ENDIABRAR AS PESQUISAS
EM EDUCAÇÃO A PARTIR DE OLHARES DE DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA** 263
FERNANDO GUIMARÃES OLIVEIRA DA SILVA

A REPÚBLICA DOS CÍNICOS 281
ADRIANO DE LEÓN

E O QUE O CU TEM A VER COM AS CALÇAS? 297
DIANA MACIEL DIAS

NÃO BINARIDADE E PANDEMIA: A PRODUÇÃO DE SI 307
HBLYNDA MORAIS

O PÃO NOSSO DE CADA DIA OBRAI HOJE: CARDÁPIO PARA UMA TEOLOGIA ANAL 323
ANA ESTER PÁDUA FREIRE

PARTE VII - CÂNONE E REPRESENTAÇÕES OUTRAS

SAUDOSISMO LITERÁRIO: A DESTRUIÇÃO IMAGINÁRIA DA “LITERATURA” 339
RICK AFONSO-ROCHA

**CONTOS DE FADAS LGBTQIAP+ E SUAS (RE)EXISTÊNCIAS COLORIDAS:
DESMANTELANDO A REPRESENTAÇÃO DAS FADAS NA SOCIEDADE
MONOCROMÁTICA** 355
RENATO GONÇALVES PERUZZO

PREFÁCIO

PREFÁCIO (ISSO NÃO É UM PREFÁCIO)

LETÍCIA NASCIMENTO¹

NÃO SE TREPA EM 15 MINUTOS!

Liniker e os Caramelows - Textão

Nunca fui excelente em português, o excesso de regras complicava um pouco a nossa relação. Não vou dizer que não tentava, até me julgava boa. De todo jeito, eu sempre gostei de analisar contextos, por isso eu amava análise morfológica e sintática, as diferentes palavras tinham diferentes funções, pertencia a diferentes classes. E quando recebi o honorável convite de escrever esse prefácio, imediatamente ao ler no título a palavra cutucar fiquei a pensar: que palavra inusitada? Acredito que seja genuinamente brasileira? É um verbo? Que tipo de verbo?

Lembrei das aulas do 7º ano no colégio católico onde estudava e pensei: quem cutuca, cutuca alguma coisa, logo, cutucar é verbo transitivo direto, pois demanda complemento para se fazer entender. De início, entendo a primeira potência da excelente escolha lexical da palavra cutucar, é verbo, é ação! É ação que se faz em algo, alguém, alguma coisa. Produz movimento, inquietação, desassossego. Que não aja paz me parece um pressuposto fundamental para a escolha do verbo cutucar como mote epistemológico. Aqueles que desejam a paz podem sentar-se confortáveis nas universidades e persistirem estudando as teorias colonizadoras.

O cutucar irrompe a paz, esse verbo é pleno de nosso desassossego fruto do histórico silenciamento imposto as vozes afro-ameríndias de mulheres e da comunidade LGBTQIAP+. Sou uma educadora freiriana e

¹ Letícia Nascimento é travesti, negra, gorda e do axé. Professora da UFPI. Autora do livro *Transfeminismo na Coleção Feminismos Plurais*.

minha esperança não é ingênua, por isso não me sento em mesa canônica universitária nenhuma sem cutucar. E não me venha com etiqueta, os cotovelos vão a mesa e o tom da voz pode subir. Não me preocupo em azedar a sobremesa, aliais cansei de pudim branco, quero cacau, canela e paçoca. Minha esperança nada ingênua não me permite sentar à mesa canônica calada, eu não espero apenas ser servida, devo mostrar o que sei, devo aprender a partir de onde sou, e por certo irei ensinar ao aprender.

Eu quero cutucar os sagrados livros de receitas das universidades, essas grades curriculares coloniais. Vamos fazer uma feijoada epistêmica, sem romantismo, a herança afro-indígena do Brasil são rastros vivos de inúmeras violências, que, contudo, também apontam possibilidades outras de (re)existir. Quando erguemos nossas vozes e denunciemos as violências estamos suscitando outras formas de representação, de significação e afirmação de nós mesmos. É preciso cutucar para construir outros sentidos, outras receitas, outros sabores e dessabores.

E nessa cozinha antropofágica do cutucar, o cu me parece dispositivo universal, uma vez que todes o tem, que processa forças diversas, num fluxo (des)contínuo que tanto permite entradas, como saída, se colocando, portanto, sempre no meio. O cu é passagem, ele dá passagem, nem sempre dá, as vezes ele cobra passagem. As teorias coloniais temem que as coisas passem pelo cu em sentidos controversos, ora quem pode impor versos ao cu se ele é fábrica de poesia? A ciência colonial sacraliza o conhecimento. Mas, o cu é profano. Por isso mesmo, eu assim como Paul Preciado, me coloco como uma trabalhadora do cu, como alguém que aberta ao possível pensa uma ciência do impossível. Penso, uma ciência travesti, e, portanto, uma ciência puta e marginal. Eu não sou apenas pirata de gênero, o mais profundo do meu trabalho e piratear, contrabandear teorias.

Cutucar o cânone é pensar outras possibilidades desde e para além do cânone. Também pensar sem cânone. Também unir os pensamentos além do cânone ao cânone. O cu como dispositivo processador de potências infinitas pode nos oportunizar inúmeras entradas e saídas e eu quero me perder nas encruzilhadas do prazer. Este livro que prefacio é nada mais que um cu, por este cu passam diferentes vozes, teorias, temas, desejos, medos, esperanças, ideias sem sentido, ideias com fundamentos, ideias que eu nem sei se são ideias mesmo, fundamentos despedaçados e tantas outras coisas que não me darei o trabalho de nomear, pois somente es leitories ao serem atravessades por estas palavras entenderão que tentar nomear tudo que virá por escrito seria apenas um devaneio de fazer um prefácio colonial. Devaneio este que não nutro. Sou travesti, tenho em mim o dom de fazer o que quero quando atendo aos pedidos de terceiros.

Por isso, eu escrevi com cu para prefaciar esse cu que vocês lerão com o cu. As palavras que passaram foram rapidamente digitadas, os sentidos

foram sendo construídos a partir de memórias, afetos e outras coisas sem fundamento que eu acredito religiosamente. Encerro esse prefácio, com uma advertência: **NÃO SE TREPA EM 15 MINUTOS!** Não sou puritana e até gosto de uma rapinha, mas não use esse livro, essas leituras para gozo rápido, não isso é muito cisheteronormativo. Leia e se demore, se namore com as palavras, enrabe e deixe-se enrabar. Aprecie a leitura em diferentes fluxos e momentos, faça trocas. Permita passagens, esta é a potência do cu, permita-se movimentar, esta é a potência do cutucar.

Parnaíba- PI, 17 de maio de 2022
prefácio escrito com saudades de cutucar
Letícia Carolina Nascimento



APRESENTAÇÃO

EI, BOLSONARO, VAI... TOMAR NO CU... É UMA DELÍCIA: LER O ARQUIVO HOJE (APRESENTAÇÃO)²

IAGO MOURA³

Neste textículo, propomos uma relação de vizinhança metafórica entre três feixes de questão: *o equívoco* (da ordem da língua), *o arquivo* (um domínio de materialidade para a história) e *o ânus* (campo de inscrição de impossíveis do corpo). Três lugares desde onde, parece-nos, pode-se fazer, do presente, algum “problema”.

Imagino que o fato de o animal humano o ser por e em sua condição de animal simbólico, o que significa já-sempre aí implicar o tecido dérmico prenhe de fracassos que o constitui, a que chamaremos *corpo*, tenha algo que ver com a facticidade de que não há fatos históricos (fazer sentido) que não o injunjam à interpretação, re-corte, ângulo, excedência.⁴ Uma alusão – a que faz o corpo do sujeito ao corpo da história e, com efeito, ao da linguagem – sobre a qual tratamos de intervir com este pequeno gesto leitor.

Uma vez nos disse certo filósofo: “A obra de linguagem é o próprio corpo da linguagem que a morte atravessa para lhe abrir esse espaço infinito em que repercutem os duplos” (FOUCAULT, 2015, p. 52). Falada estava aí a literatura: ser da linguagem, oficina da morte e dos defuntos que se reviram em funções, tais como a de autor. Igualmente, colocava-se,

²Este subtítulo é uma paródia ao título *Leroarquivo hoje*, de Michel Pécheux (1994). Neste texto, o filósofo interroga a divisão do trabalho de leitura do arquivo, em seu enfoque histórico e psicológico, bem como matemático e informático relacionado ao tratamento de documentos textuais, a partir de duas tradições: a literária e a universitária.

³Doutorando e Mestre em Letras (PPGL/UDESC). Especialista em Direito Constitucional (UniAmérica). Bacharel em Direito (UESC). Licenciado em Letras (Unopar/Unime). Bolsista Fapesb.

⁴ “Para a análise do discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (FERREIRA, 2013, p. 78).

tangencialmente, a questão da materialidade – pesada e temível –, a qual, de uma ou de outra maneira, sempre nos é imperdoável.

Mas, como poderia, a linguagem, pretender algo como um corpo? Com quais direitos se teria como legítimo um tal pleito? Em outro lugar (MOURA, FERREIRA, 2020), refletimos sobre os modos de concepção desse corpo, sua consistência, nos projetos epistêmicos de Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida. Esse gesto passava pela necessidade de se fazer frente ao modo dominante de se ler o corpo na modernidade, enlaçado em formações binárias assimétricas (alma/corpo, razão/emoção, belo/feio etc.). O estatuto material desse corpo, o da linguagem, exigia avançar em relação à ideia de uma sua presença empírica.

Ora, se a matéria se diz de muitos modos (ALTHUSSER, 2017), se a ideologia e o seu lugar de realização específica, o discurso, podem pretender materialidade distinta da de uma pedra, mas ainda assim, materialidade, o mesmo se pode restituir e conceder a esse objeto tão flutuante no campo das ciências humanas e da filosofia que é a linguagem.

Igualmente, tem sido de nosso interesse refletir (MOURA, 2019), não apenas sobre o corpo da linguagem, senão como e sobre quais direitos o corpo tem/é linguagem. E aqui resistentes discussões quanto aos direitos de sequer colocar tal questão são as mais diversas: pode-se reduzir um fato tão amplo – e é o empirismo que vem reivindicar o corpo em seu efeito de superfície e natureza –, tão tocável, tão visível, tão... a um quadro imaginarizado – o único que pode e deve reconhecer a miríade de discursos que se agrupam sob essa perspectiva resistente – como relativista?

Neste espaço textual, queremos, contudo, situar-nos num lugar desde onde se possa tocar a todas essas questões, segundo pensamos, ou, quando menos, tratá-las sob um mesmo fio de reflexão. O concretaríamos colocando a seguinte pergunta: como se encontra o corpo da linguagem com a linguagem do corpo em nossa ontologia – temporalmente contraditória e clivada – do presente? Está convocada, portanto, a história como uma prótese metafórica necessária: em quais arquivos se pode ler o presente desse encontro? E, em se tratando de tal, o que mais joga e interessa tornar pronunciado em nossa conjuntura?

Uma descontinuidade, entretanto, precisa ser restituída, antes que se possa passar à materialidade arquivística, isto é, propriamente histórica de tal encontro, é preciso dizer que o arquivo – compreendido assim como se ele fosse isso que “todo mundo sabe” ser uma massa de dados documentários, prontos para serem/exercerem seu reinado sobre as provas em favor e a bem “do verdadeiro” das fontes – também não contorna a linguagem, mais precisamente, a sua materialidade específica, isto é, a língua.

Este aspecto da materialidade arquivística, a sua materialidade linguageira, é algo que, quase nunca, a história pode se dar conta (ROBIN, 1977) e que as muito conhecidas perspectivas pragmáticas em linguagem insistem em ignorar: o fato de que a língua é base material de processos discursivos diferenciados e heterogêneos, os quais, numa perspectiva discursivo-materialista, permitem reconstruir o estrondo de batalhas anteriores, compreendendo-as em seus efeitos de prospecção, naquelas que se processam como sendo as do presente.

Historiar o presente do encontro do corpo da linguagem com a linguagem do corpo: mais que uma história do corpo (e, nesse sentido, das formas pelas quais ele é dito, visto e orquestrado), propomos uma história do seu fracasso e ruína,⁵ história essa observável/descritível/interpretável desde as lacunas, silêncios e inconsistências que constituem o fato do corpo no arquivo contemporâneo em sua dimensão propriamente linguageira, a qual tem que ver com o fato de que os sujeitos falam e de que o fazem na história, bem como de que isso não é, nem pode traduzir, uma evidência não problematizável.

Algo, então, como uma história anal:⁶ dos equívocos discursivamente analisáveis... das fissuras e excessos, dos sintomas textualmente distintivos, deslizando sob a materialidade arquivística do corpo na contemporaneidade. Uma história que “o historiador” – lugar de um sujeito universal e também de um enunciador – não quer (porque não pode e nem deve) contar, mas que não deixa de retornar em sua atividade narrativa como insistência do Outro. O arquivo, então, não será outra montagem que não aquela que preserve e restitua a iterabilidade (BOURCIER, 2021) do equívoco do corpo-linguagem. Sob outros sentidos, trata-se de uma história que nos demanda à construção, mediante múltiplos gestos de des-re-montagem de materiais documentários, do que aqui passaremos a denominar arcuivo.

É neste campo – que não é lógico-empírico, mas teoricamente construído – o do arcuivo, que postulamos, então, um recorte⁷ interpretável do presente. Em 15 de outubro de 2019, o site outraspalavras.net publica um

⁵ “Uma das implicações das novas concepções de poder desenvolvidas no trabalho de Foucault é a radical “desconstrução” do corpo – o último resíduo ou local de refúgio do “Homem” – e sua “reconstrução” em termos de formações históricas, genealógicas e discursivas. O corpo é construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares. A tarefa da genealogia, proclama Foucault, ‘é a de expor o corpo totalmente marcado pela história, bem como a história arruína o corpo’ (HALL, 2000, p. 121, eu grifo). Nesse sentido, fazer a história da ruína do corpo não diz mais do, ao modo de um batimento, fazer a história de como a história arruína o corpo e a história de como o corpo arruína a história.

⁶ História do in-significado das práticas enciclopédicas de Grande Texto, tais como a muito conhecida coleção de três volumes História do corpo. Trata-se de uma proposta que se instala no campo aberto por muitos discursos, dentre eles aquele que se pode encontrar em Saez e Carrascosa (2016).

⁷ Recorte aqui mais que um fragmento de linguagem-e-situação (ORLANDI, 1984), discursivamente relevante e sem pretensão de exaustividade horizontal, mas teórica.

artigo de opinião, assinado pelo professor, jornalista e ativista LGBTI Julian Rodrigues, intitulado *Polêmica: é legal mandar Bolsonaro ‘tomar no cu’?*.

O texto, encadeando uma tomada de posição metalinguageira, ancorada nas determinações do politicamente correto, interpreta um dos enunciados reitores das manifestações políticas que marcaram o *Rock in Rio* entre os dias 27 de setembro e 6 de outubro do respectivo ano, qual seja: “Ei, Bolsonaro, vai tomar no cu”. O seu ponto de partida principal é a formulação do vocalista da banda *Francisco, el Hombre* em resposta ao grito massivo: “tomar no cu é uma delícia”.

Uma das questões centrais de que se ocupa o texto é, com efeito, o empreendimento de uma espécie de pedagogia da ofensa, tal como no fragmento a seguir:

Reaprender a xingar

Desconstruir os estigmas, as humilhações e as violências simbólicas cotidianas perpetradas contra as mulheres, negros, LGBTI é parte constitutiva não só da luta anticapitalista – mas também da jornada civilizatória pelas liberdades democráticas. Os palavrões que aprendemos desde criança são expressão aguda das características da sociedade capitalista, racista, sexista, patriarcal, cisheteronormativa, alicerçada na repressão da sexualidade.

Leva-se a cabo, assim, o que se representa para o seu enunciador como a indissociabilidade entre “luta anticapitalista”, “desconstruir os estigmas, as humilhações e as violências simbólicas” e “jornada civilizatória pelas liberdades democráticas”. Essa relação significativa, cujo exame da contradição ideológica aqui precisaremos deixar em suspenso – basta com mencionar que não “há jornada civilizatória pelas liberdades democráticas” senão no interior do próprio modo de produção capitalista, como um de seus efeitos necessários – revela-se particularmente interessante, não por espelhar a ilusão do reflexo entre palavra/coisa, mas por acentuar, no estrondo de uma batalha por ressignificação, o acontecimento da equivocidade de um significativo predominantemente injurioso: “tomar no cu” se tornou o espaço de realização, no interior da ideologia dominante, de uma ideologia dominada sobre corpo.

O “cu” se converteu em um objeto paradoxal (PÊCHEUX, 1983) e em um significativo político-performativo (BUTLER, 2019). Não é mais apenas o lugar do retorno espectral de algo que a ideologia reprodutiva expulsa do corpo e que vem perturbar, pelo efeito de protesto, as coisas-a-saber da política, como no grito massivo em questão. Trata-se, no presente, de um significativo polissêmico que também estrutura o espaço reivindicatório do

reconhecimento de identificações de gênero e sexualidade, dentre outras, bem como de formas de enunciar o corpo colocadas, historicamente, à margem do laço social.

Os sentidos de “tomar no cu”, no grito massivo e na resposta do vocalista, não são os mesmos. De um lado, está como um significante espectral que não inscreve o excesso do corpo, a não ser por um “efeito de fantasma”, como um “empréstimo metafórico” para formulações injuriosas e/ou de protesto. De outro, é índice de uma subversão no campo do simbólico, significância política, rearticulação e ressignificação do mapa do corpo na contemporaneidade. Um acontecimento cuja emergência exige ser pensada no quadro de uma problematização (FOUCAULT, 1984). Fato do equívoco movimentando tomadas de posição e formas de subjetivação que são distintas e heterogêneas em sua procedência.

Encontro do corpo da linguagem com a linguagem do corpo, diríamos, o qual uma semântica materialista permite tornar pronunciado não como o reflexo superestrutural puro e simples da estrutura do modo de um modo de produção dominante, o capitalismo, mas como o processamento dos efeitos de dominação/resistência que materializam, na linguagem, a mobilidade e dinamicidade complexa de lutas ideológicas que o constituem:

[...] as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: *o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas*, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: [...] *as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam*. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2007, grifamos).

O que gostaríamos de ressaltar com essa citação é que “tomar no cu” tem um e outro sentido a depender da região do dizível em que se reconhece a posição de sujeito que o formula, posto que isso se dá sempre numa rede de saber, de uma filiação histórico-ideológica, isto é, numa formação discursiva.

Desta feita, pode-se restituir às tomadas de posição no grito massivo e na resposta do vocalista (interpretada pelo texto em análise, ele próprio

também uma tomada de posição) o caráter discursivamente diferencial e não idêntico dos efeitos de sentido aí produzidos. Em se tratando de formações discursivas interligadas, a polêmica (contradiscurso) vem marcar a dominância da primeira forma de dizer sobre a segunda.

Com efeito, uma história anal, tal como a aqui esboçada a título de um projeto de pesquisa, construirá, a partir de sucessivas e descontínuas práticas de des-re-montagem de arquivo, séries embasadas em regularidades teoricamente discerníveis que são matriz de sentido para a enunciação do corpo, e de seu fracasso/excesso, no presente.

Ela compreenderá, então, e isso em sua especificidade discursiva – significativa e histórica – como que no grito de protesto (“Ei, Bolsonaro, vai tomar no cu”) a regularização que estrutura o significante “tomar no cu” é semanticamente diversa, porque existe no interior de uma formação discursiva igualmente diversa – cuja proveniência exige ser pensada –, daquela que estrutura a resposta do vocalista (“tomar no cu é uma delícia”), essa última representativa de um acontecimento discursivo que emergiu da conjuntura como uma raridade.

Fará, então, não apenas a história da ruína do corpo pelo silenciamento de uma combinação significativa possível para a inscrição do desejo, como também a história infame dos modos de retorno, recombinação e *incorporação* desse significante em/contra/sob(re) o social; do “desenvolvimento” do próprio corpo como um objeto internamente contraditório e historicamente clivado, em que o regresso insistente, eficaz e constitutivo desse exterior é sempre contemporâneo à própria clivagem, ao passo que aponta, tal como um horizonte de futuro, para transformações-ressignificações-subversões.

História específica do humano, portanto, não unicamente como animal político ou animal simbólico, mas, e sobretudo, enquanto *animal anal*, em que o político e o simbólico intervêm como necessário, sobredeterminante pressuposto e condição de possibilidade para que se produzam todas as escalas narrativas.

E, sim, uma história cuja ilusão da neutralidade do contar funciona inversamente, ou seja, não tem lugar senão como a condição de possibilidade daquela, possibilidade essa fornecida pelo recalque do próprio ao corpo no discurso da historiografia oficial, disciplinar e dominante. Sob outros sentidos: uma história que se representa como o retorno do que a historiografia oficial precisa negar, tal como o foi com a psicanálise em relação ao discurso das ciências - o sujeito expulso pelo discurso da ciência moderna, o do inconsciente, veio a possibilitar o discurso da psicanálise.

História que só poderá/deverá existir como tomada de posição interveniente e politicamente assumida no arquivo escandaloso do corpo fal(t)ante no presente. Tomada de posição em favor da metáfora e da maximização dos efeitos de resistência de “tomar no cu” como estruturante, na língua, de uma ideologia dominada sobre corpo.

Ela própria tratará de formular o acontecimento equívoco do corpo como também um acontecimento teórico-político, empreendimento do cu como significante munificente, isto é, como significante largo, do excesso, sobejo, exagerado, descontrolado e redundante; suscetível de basear uma reinvenção do não-vivível, do inenarrável, do inimaginável, do inaudível e do traumático das narrativas dominantes.

Estamos patrocinando o acontecimento teórico-político do cu como lugar de reivindicação do nonsense do corpo e agrupamento de expectativas fantasmáticas de sujeitos não-contados. Palco e plataforma enunciativa para inscrever o não-assimilável e o ininteligível das cadeiras excludentes. Lugar de observação, escuta, partitura e disputa em face do encontro da linguagem do corpo com o corpo da linguagem na temporalidade complexa do presente histórico.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: N-1, 2019.
- FERREIRA, M. C. L. O corpo como materialidade discursiva. REDISCO, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito. *In*: **Estética**: Literatura e pintura, música e cinema. (Ditos e Escritos, vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. *In*: ESCOBAR, Carlos Henrique de. (org.). Michel Foucault - Dossier. Rio de Janeiro: Taurus, 1984, p. 81.
- HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, TOMAZ, T. (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.
- MOURA, I. Acuendações do corpo em Linn da Quebrada. **Anais do IV Desfazendo Gênero**. 2019. Realizado em Recife. Disponível em: <https://www.editorar-alize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64027>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- MOURA, I.; FERREIRA, E. Que corpo tem a linguagem? *In*: MITIDIERI, André Luis, CAMARGO, Fábio Figueiredo, SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira (Orgs.). **Revisões do Cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020. 404p.
- ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. **Linguística**: Questões e Controvérsias. Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.
- PÊCHEUX, M. Ideology: Fortress or Paradoxical Space. **Das Argument**. Berlin, n. 84, p. 31-35, 1983.
- PÊCHEUX, M. Ler o Arquivo Hoje. *In*: **Gestos de Leitura**. E. Orlandi (org.). Campinas: Unicamp, 1994.
- ROBIN, R. **História e lingüística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- SAEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.